



*Dos interesses que Portugal pode tirar de suas colônias no Brasil: utilitarismo ilustrados e economia política ultramarina descrita nos documentos de D. Azeredo Coutinho*

Igor Dutra Baptista

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados que compõem o relatório parcial de Iniciação Científica que foi exposto no “I Ciclo de Palestras do Grupo de Estudos Modernidade Ibérica”. Logo, este artigo também deriva de um estudo e uma pesquisa elaborada no projeto de PIIC/UFES, o subprojeto relacionado propõe inserir no cerne português da época, porém em território brasileiro, o personagem José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, e sua produção Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal e suas colônias oferecido ao sereníssimo príncipe do Brasil nosso senhor e publicado na ordem da Academia Real das Ciências, de 1794, que buscava contribuir para com os interesses régios movidos pelas necessidades e conceitos de época, como o utilitarismo ilustrado.

**Palavras-chave:** Portugal; Academia Real; utilitarismo ilustrado; Economia; Colônia.

## INTRODUÇÃO

**N**a Europa, o século XVIII foi marcado pelo surgimento e crescimento do movimento das Luzes, esse movimento intelectual resultou em uma renovação do conhecimento, envolvendo indivíduos e instituições, sendo, em grande medida, promovido pelo Estado, como afirma Ângela Domingues (2001, p. 824).

Dentro desse cenário, o horizonte estrutural do que se tinha como ciência, natureza, riqueza e mundo foram abalados, e por isso, reestruturados. O ensino, por exemplo, foi impactado pelas novas ideias do período e a História Natural ganhou ênfase. Por meio de viagens filosóficas, os estudiosos buscavam realizar um inventário da natureza e dos povos e, para tanto, percorreram os mares e as terras com equipes de jardineiros e artistas (RAMINELLI, 2008, p. 97).

Como apresenta a pesquisadora Lorelai Kury (2004), configuram-se, nesse período, uma série de redes de informações sobre os diversos climas e populações do globo, capitaneadas pelas duas grandes potências coloniais do período, França e Inglaterra. Portugal vivenciou mais tardiamente tal processo, contudo, na segunda metade do século XVIII houve a preocupação de catalogar as potencialidades naturais das colônias com vistas a ampliar as receitas da Coroa, favorecendo o surgimento de instituições científicas com foco na produção de conhecimentos úteis aos interesses régios.

Esse foco da Coroa portuguesa no desenvolvimento científico e de suas produções pode ser posto ao lado de um conceito chave no desenvolvimento desse trabalho, o conceito de utilitarismo ilustrado. Era de necessidade da Coroa buscar novas formas de fortalecer a economia dentro do seu cerne de possibilidades. Explorar as colônias, as novas descobertas do mundo fazia, com a emergência das novas ciências, menção direta a um desenvolvimento econômico que outrora não tinha tanta atenção. O vislumbre dessa oportunidade solapa grande parte dos esforços nesse novo meio que se desenvolvia em Portugal.

É de bom tom notar aqui a importância dessas novas movimentações no cenário luso. A reestruturação da economia não era um caso a parte na realidade portuguesa. Portugal havia passado pelo maior abalo sísmico de seu tempo em 1755. Cidades inteiras foram devastadas por um terremoto, que foi sucedido por um maremoto e estes, por sua vez, causaram um grande incêndio e o palco principal dessa tragédia foi Lisboa.

Esse abalo impactou o governo, as instituições e as vidas lisboetas, acarretando em uma série de ações que foram tomadas ainda durante o reinado josefino, orquestradas por Marques de Pombal, figura central na reestruturação portuguesa, e que perduraram o reinado mariano que levou em seu decorrer os pesos do acontecido.

Compreender, em linhas gerais como foi apresentado, a situação portuguesa por um parâmetro é de suma importância para entendermos como e por que algumas medidas foram tomadas nesse

momento e de que maneira a coroa esperava um retorno, não só a coroa, mas todos lisboetas.

## **JOSÉ JOAQUIM, A ACADEMIA E OS INTERESSES**

Explicado a situação portuguesa podemos perceber como a ilustração adotara características peculiares e específicas no decorrer desse cenário luso, alinhando-se com as abordagens e posturas da Coroa em diversos âmbitos de suas ações governamentais. Notar essa teia de relações e comunicações que estavam sendo desenvolvidas com a colônia nos coloca no meio onde o relacionamento do nosso personagem com todo esse momento português acontece e é apresentado.

Nosso personagem, José Joaquim da Cunha de Azeredo (1742-1821), nascido na vila de São Salvador dos Campos dos Goitacás, na província do Paraíba do Sul em 8 de setembro de 1742, era um bispo, locado na diocese de Pernambuco, nomeado em 1794. Nascido em uma família rica da província, ainda na infância iniciou sua formação no Rio de Janeiro e depois seguiu para Coimbra, onde estudou filosofia, belas-artes, retórica, gramática e teologia. Encontrava-se membro da Academia Real das Ciências de Lisboa desde 1792, influente em Pernambuco, Azeredo Coutinho agiu na defesa dos interesses da Coroa e no fortalecimento de uma política colonial fundada na harmonia entre a metrópole e as possessões ultramarinas (HOLANDA, 1966, p.36).

A Academia Real das Ciências de Lisboa foi criada 1779, no governo mariano, como a expressão dessa busca de Portugal por um desenvolvimento das ciências, representando, para além de afirmar a importância do conhecimento científico, seu interesse em utilizar desses meios para o desenvolvimento do reino.

A Academia se tornou um campo de sociabilidade, porém, antes disso, em representação, era um campo científico que alinhava suas produções aos interesses régios e compilava as informações de novas possibilidades que poderiam entrar no horizonte de aspirações da Coroa.

Dessa forma ao escrever Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal e suas colônias, o membro da Academia José Joaquim apresentou como se davam as relações coloniais à luz do projeto de governo utilitarista ilustrado e as propostas comerciais em diálogo com as noções da economia política que marcaram o período.

Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal e suas colônias oferecido ao sereníssimo príncipe do Brasil nosso senhor e publicado na ordem da Academia Real das Ciências de autoria de José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, datada de 1794. A fonte está disponível para acesso na Biblioteca Digital Luso-brasileira. O escrito tinha como propósito informar a Portugal as potencialidades econômicas e naturais das colônias, em especial do Brasil, ao longo de mais de 150 páginas, o acadêmico descreve desde os indígenas e a possibilidade de utilizá-los como mão de obra pelos portugueses, passando por apontamentos sobre maneiras de melhorar e fortalecer a marinha lusa, assim como detalhava produtos que poderiam ser de interesse para o comércio metropolitano.

A Academia Real das Ciências de Lisboa se torna chave nesse momento, pois é o link entre o nosso personagem e os interesses régios, e a forma da publicação alcançar seus objetivos. Dessa maneira tínhamos de polir a maneira como olhávamos a Academia, e foi elencado para tal o conceito de campo do sociólogo Pierre Bourdieu.

O conceito de campo é um conceito central à obra de Pierre Bourdieu e é definido como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Os campos são resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo (BOURDIEU, 1983, p. 114).

Para abordar a trajetória do nosso personagem dentro da Academia, suas posições e posturas, que se relacionavam ou não com as demandas e regras do campo, utilizamos os conceitos abordados por Bourdieu sobre trajetória no seu artigo *Ilusão biográfica* (BOURDIEU, 1996, p. 186). Entendemos como necessário também apresentar as possíveis diferenças que o personagem poderia abordar durante o recorte de sua trajetória que foi estudado entre seus interesses e suas paixões (HIRSCHMAN, 2002) e como elas podiam, ou não, estar ligadas a expressão dos interesses régios, e se de alguma forma elas podiam ser justificadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os próximos esforços se direcionam em alinhar a publicação de Azeredo com o momento econômico português, inserindo o personagem no cenário luso de comunicação e desenvolvimento de relações ultramarinas com suas colônias, nesse caso, em especial, o Brasil.

Dessa maneira, alinhando os interesses poderemos, de certa forma, compreender aspectos que cercam a produção desse documento junto as informações da trajetória do personagem, contribuindo para compreendermos sobre as posturas e ações de Azeredo tomadas a partir de seu relato escrito para a Academia.

Feito isso avaliaremos dentro do período as matrizes econômicas, que eram ainda marcadas pelas ideias mercantilistas e o discurso fisiocrata, perpassavam as propostas de Azeredo Coutinho, sem perder de vista sua trajetória, idiossincrasias e o cenário português.

## **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: Ortiz, Renato (org.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, n 39, Editora Ática, São Paulo, 1983, p. 114.

- BOURDIEU, Pierre. “Ilusão historiográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV. 1996. p. 186.
- DOMINGUES, Ângela. “Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação do Império português em finais do Setecentos”. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Vol. VIII (suplemento). 823-38, 2001, p.824.
- HIRSCHMAN, A. As paixões e os interesses. Argumentos políticos a favor do capitalismo antes de seu triunfo. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Apresentação”. In: COUTINHO, José Joaquim da Cunha Azeredo. Obras econômicas de J. J. da Cunha de Azeredo Coutinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966, p.36
- KURY, Lorelai. “Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)”. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1):109-29, 2004.
- RAMINELLI, Ronald. Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância. São Paulo: Alameda, 2008. p.97.